

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

LUÍSA GUIMARÃES GRATÃO

**SEU DOMIRO:
um filme-carta sobre memória e alcoolismo**

**CUIABÁ - MT
2023**

LUÍSA GUIMARÃES GRATÃO

**SEU DOMIRO:
um filme-carta sobre memória e alcoolismo**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora:

Dra. Leticia Xavier de Lemos Capanema

**CUIABÁ - MT
2023**

**SEU DOMIRO:
um filme-carta sobre memória e alcoolismo**

LUÍSA GUIMARÃES GRATÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob a orientação da Profa. Dra. Leticia Xavier de Lemos Capanema.

Cuiabá - MT, 17 de Maio de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Leticia Xavier de Lemos Capa (Orientadora)

Prof. Diego Baraldi de Lima (avaliador)

Profa. Sabrina Luna Tenório (avaliadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós, Seu Domiro e Dona Amália. Dedico a todas as pessoas que lutam contra ou de alguma forma perderam algo ou alguém para o alcoolismo. E dedico também a todas as mulheres que resistem e ocupam espaços no audiovisual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por sempre me apoiar e me incentivar, mesmo quando decidi largar a Engenharia para virar uma aspirante a cineasta. Agradeço principalmente por sempre me permitir dar asas à minha criatividade e viver minha vida fora da caixinha. Agradeço à minha cachorrinha, Penélope Raimunda, o grande amor da minha vida e que me acompanhou em várias tardes e noites de estudo para o ENEM.

Agradeço à minha namorada, Rayane, que esteve ao meu lado em todos os altos e baixos dessa jornada e que me ajudou a levantar a cabeça todas as vezes que eu achei que não seria capaz.

Agradeço a todas as minhas amigas, que foram parte fundamental da minha experiência acadêmica e cuiabana. Cada um(a) teve papel fundamental na minha jornada, aguentando meus surtos, choros e risos descabidos nesse processo.

Agradeço especialmente ao meu "trio parada dura", Didi e Toin, que desde o início do curso foram meus parceiros dentro e fora da faculdade, e que principalmente na pandemia, por inúmeras vezes seguraram e me puxaram pela mão para "não deixar a peteca cair", desde uma simples atividade de escrita até a construção de um artigo científico. Sem vocês, eu tenho a plena convicção que eu não estaria concluindo meu curso agora.

Agradeço aos meus guias espirituais e entidades, que me fortaleceram nesses quase 5 anos de graduação, principalmente em tempos pandêmicos, me dando forças e ajudando a não perder o rumo do meu caminho.

Agradeço aos meus professores e professoras, em especial Leonardo Esteves, Diego Baraldi e Bia Lobo, que tiveram um papel fundamental na minha vida acadêmica e em todo meu amor pelo cinema brasileiro, pelo documentário e pelo audiovisual no geral. Vocês foram peça chave nessa etapa da minha vida e sou eternamente grata por isso.

Agradeço ao Cineclube Coxiponés, que além de resistência, é a segunda casa dos estudantes de Cinema e Audiovisual e se faz como esse lugar de escuta e acolhimento, em cada mostra, aula ou exibição. Agradeço à Thelminha pela chance e credibilidade de ser bolsista desse lugar mágico e por ter me permitido viver ainda mais intensamente esse espaço. Mais uma vez ao Diego Baraldi, que além de professor foi "chefe" e dividiu comigo a

experiência de executar a 19ª MAUAL em meio à pandemia e de forma 100% remota, uma das mais ricas experiências acadêmicas que tive.

Agradeço de todas as maneiras possíveis à minha orientadora, Leticia Capanema, que me aceitou como orientanda desde meados do curso na pesquisa científica até a conclusão desse curso. Sem sua orientação, nem metade desse caminho teria sido traçado de forma tão bem sucedida, nem todos os artigos, seminários, congressos e resumos expandidos teriam acontecido. Sua orientação foi fundamental para que esse TCC acontecesse e conseguisse ser finalizado.

E por último, mas não menos importante um agradecimento especial a minha mãe e ao meu pai, por terem me dado os melhores avós desse mundo, Seu Raimundo, Dona Antônia, Dona Amália e Seu Domiro - que mesmo que eu não tenha conhecido, esse documentário é a prova de que sua essência foi passada adiante. Entre todos os ensinamentos, superstições e palavras transmitidas, a que mais marcou a minha vida foi a de focar nos estudos e nunca deixar de estudar, porque o conhecimento é a única coisa que não tem preço e ninguém pode tirar de mim. E bom, aqui estou eu, finalmente, concluindo minha primeira graduação!

EPÍGRAFE

“Os documentários trabalham intensamente para extrair de nós as histórias que trazemos, a fim de estabelecer ligação e não repulsa ou projeção”

Bill Nichols

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um curta documentário sobre memórias da vida de Seu Waldomiro Guimarães, que lutava diariamente contra o alcoolismo e tem parte da sua história nele contada. O documentário "Seu Domiro" se caracteriza como um filme-carta e apresenta narração em primeira pessoa feita pela neta, trazendo um olhar sensível e bastante íntimo da vida desse homem, a partir da articulação de imagens de arquivo (fotos de família, documentos, objetos) e de depoimentos com outros integrantes da família. Para realizá-lo, parte-se de uma reflexão sobre o discurso escolhido, o documentário em primeira pessoa (Feldman, 2012; Nichols, 2005) e o filme-carta (Migliorin, 2014), sobre a presença e as consequências afetivas e sociais do alcoolismo (Nascimento, E. C. DO; Justo, J. S, 2000), e sobre a importância da memória e sua potencialidade na criação de narrativas.

Palavras-chave: Documentário; Filme-carta; Alcoolismo; Memórias.

ABSTRACT

This final project presents a short documentary about the memories of the life of Sr. Waldomiro Guimarães, who fought alcoholism on a daily basis and has part of his story told in it. The documentary "Seu Domiro" is characterized as a film-letter and presents first-person narration by his granddaughter, bringing a sensitive and very intimate look at the life of this man, based on the articulation of archival images (photos, documents and objects) and interviews with other family members. To accomplish this, we start from a reflection about the chosen discourse, the first-person documentary (Feldman, 2012; Nichols, 2005) and the film-letter (Migliorin, 2014), about the presence and the affective and social consequences of alcoholism (Nascimento, E. C. DO; Justo, J. S, 2000), and about the importance of memory and its potentiality in the creation of narratives.

Keywords: Documentary; Film-letter; Alcoholism; Memories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vera Holtz como Santana na novela *Mulheres Apaixonadas* (2003)

Figura 2: Vicente Celestino como Gilberto Silva, personagem do filme *O Ébrio* (1946) de Gilda de Abreu.

Figura 3: Plano do título do curta “Seu Domiro - Um filme-carta”

Figura 4: Uso de fotografias e documentos no curta “Seu Domiro - Um filme-carta”

Figura 5: Casamento de Waldomiro e Amália

Figura 6: Waldomiro, Amália e os quatro filhos (Lourdes, Carlos, Vilma e Neuza)

SUMÁRIO

MEMORIAL	12
INTRODUÇÃO	14
1 - ALCOOLISMO	17
1.1 - EFEITO DO ALCOOLISMO NAS RELAÇÕES FAMILIARES E NA SOCIEDADE	17
1.2 - PERSONAGENS ALCOÓLATRAS	19
2 - DOCUMENTÁRIO	22
2.1 - DOCUMENTÁRIOS EM PRIMEIRA PESSOA	22
2.2 - FILME-CARTA	25
3 - CURTA-METRAGEM "SEU DOMIRO"	28
3.1 - SINOPSE	28
3.2 - ARGUMENTO	28
3.3 - ESTÉTICA, NARRATIVA E DISCURSO	29
3.4 - PERFIL DE PERSONAGEM	31
3.5 - ROTEIRO	33
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	41

MEMORIAL

Desde pequena minha mãe contava histórias do meu avô Domiro. Algumas boas e outras nem tão boas assim. O álcool estava presente em parte dessas histórias. Eram memórias do primeiro porre. Da primeira vez que entendeu que o pai estava alcoolizado. A vergonha da minha avó. As dificuldades que o vício acarretava. Mas, principalmente, que meu avô não se resumia ao alcoolismo. Ele era alcoólatra, de fato. Mas ele também era pai, marido, marceneiro, doceiro, vendedor, fruteiro e vô. Minha mãe sempre frisou nas memórias dela as coisas boas do meu avô e talvez por isso esse documentário esteja sendo feito. Eu não o conheci. Ele adoeceu e morreu antes que eu nascesse. Mas me foi apresentada uma pessoa que eu adoraria ter conhecido. Bom, continuando sobre a narrativa do documentário, por conta dos problemas do meu avô, durante anos não se via muita bebida nas festas da minha família. Minha avó e minha tia mais velha detestavam a possibilidade de alguém ficar bêbado. Se quisesse tomar duas latinhas, já era motivo de olhar torto. Hoje em dia, as coisas mudaram. Eu e meus primos crescemos e todo mundo pode perceber que ninguém ali tinha qualquer propensão ao vício como o do meu avô. Porém, não foi bem assim.

Durante minha adolescência, minha irmã, quase 8 anos mais velha que eu, envolvida em um relacionamento tóxico, começou a ter problemas com a bebida alcoólica. Ela trabalhava, estudava e tinha uma vida independente do álcool. Porém, quando as coisas não estavam bem e ela bebia, tudo saía do controle. Era briga, discussão, bate boca, porta de carro batendo, síndica ligando e essas cenas bem clássicas que a gente vê em um filme/novela quando alguém está bêbado e com a cabeça bagunçada. Parece muito distante da nossa realidade, sabe? Então, era assim e foi assim durante quase 6 anos, ou seja, dos meus 12 aos 18, e me fez querer passar longe de álcool exatamente na época ali dos 16 anos, que todo mundo começa a experimentar alguma coisa. Eu fazia promessas pra mim mesmo que nunca beberia (e nem namoraria) porque entendia que namoro e bebida eram sinônimos de tragédia. Combinação tóxica que faria minha mãe passar por novos traumas relacionados ao álcool.

Por fim, o tempo passou. As coisas melhoraram e minha relação com o álcool se acalmou. Entretanto, sempre com uma pulguinha atrás da orelha “porque o vício no álcool é tão aceito e tão pouco discutido?”; “É uma questão cultural?”; “Tem um recorte de classe, raça, gênero? Vulnerabilidade social?”; “A cultura latina contribui com isso?” São perguntas que fogem do meu campo de pesquisa, que talvez só estudos sociológicos, antropológicos e psicológicos pudessem responder. Ainda assim, resolvi pesquisar essa doença e o que ela

causa nas pessoas e em quem convive com essas pessoas. E foi pesquisando que pude entender e perceber que pessoas são mais e maiores que seus vícios e as problemáticas que os acarretam. E pude entender isso analisando a história do meu avô e a forma carinhosa que todo mundo lembrava dele - que inclusive contribuiu para que eu criasse um vínculo afetivo através de palavras, fotografias e vídeos. Entendi que relembrar quem ele foi, as coisas boas e ruins, é uma forma de mostrar que as pessoas são várias versões delas mesmas, assim não podendo ser resumida a uma única coisa. Um fato curioso sobre essa pesquisa é que, a cada duas pessoas que eu contava o tema do meu TCC, uma relatava a história de algum familiar, parente, vizinho, amigo ou conhecido que já teve ou tem problemas com álcool e aí foi possível entender que essa narrativa abarca muitas famílias e ciclos afetivos brasileiros. Que o alcoolismo faz parte da nossa realidade como sociedade e falar sobre ele e trazer esse discurso em um curta documentário é uma forma mais democrática, mais simples e menos academicista de tocar nesse assunto tão importante que, infelizmente, ainda é tratado com tabu.

INTRODUÇÃO

A partir da observação das experimentações no campo do documentário contemporâneo, em especial o documentário narrado em primeira pessoa e daquilo que chamaremos aqui de "filmes-cartas", este trabalho de conclusão de curso propõe a realização da obra audiovisual "Seu Domiro". Trata-se de um curta documentário narrado pela realizadora que aborda a vida de seu avô, Seu Waldomiro Guimarães. Por meio de materiais de arquivo (fotos de família, documentos, objetos) e entrevistas com familiares, o curta aciona a memória em torno da existência de Seu Domiro e sua relação com o alcoolismo. Essa relação começa de forma tardia na sua vida e em grande parte devido ao seu papel de homem provedor do lar, entendendo a estrutura patriarcal e as duras condições de trabalho e subsistência que regiam a família em questão. A partir dessa abordagem, o documentário apresentado neste TCC caracteriza-se como um filme-carta.

O objetivo deste trabalho é trazer memórias e contar uma história por meio de um ponto de vista pessoal. Os registros são o veículo que contribuem para a construção dessa narrativa, entregando o resultado desejado, de forma que fotos, vídeos e objetos ganham importância atrelados à uma narração intimista. Além disso, esse trabalho também tem o intuito de desmistificar o que é uma pessoa alcoolizada, sem estigmas ou estereótipos. E isso é feito por meio de memórias que atravessam gerações de mulheres afetadas pela existência de um marido, pai e avô que lutou contra o alcoolismo.

O campo do documentário é uma área extremamente ampla, mas que, assim como o cinema, está em constante transformação e experimentação. Dentre as diversas formas expressivas da não ficção, trazemos o documentário em primeira pessoa, um modo intimista capaz de imprimir grande proximidade entre realizador(a) e público. Por meio dele, é possível ter significativa liberdade para criar e contar histórias, versões de histórias e pontos de vista, que são propositalmente parciais. O(a) realizador(a) coloca ali a sua visão, carregada de "eus". Um exemplo contemporâneo e nacional de documentarista que explora a narração em primeira pessoa é a cineasta Petra Costa, que teve seu filme *Democracia em Vertigem* (2019) indicado ao Oscar de Melhor Documentário em 2020. Além desse, Petra coleciona vários outros filmes, entre eles, *Elena* (2012), documentário feito para sua irmã já falecida. Nesta obra, a cineasta traz a narrativa em primeira pessoa, narrado e escrito por ela. O filme apresenta gravações, áudios e retratos antigos, juntamente a depoimentos no presente, formando uma narrativa íntima e tocante. A partir de referências como *Elena*, este estudo

mergulha na narrativa de memórias em primeira pessoa para entregar algo simples, informal e familiar, tratando de temas como família, memória e alcoolismo.

Além do documentário em primeira pessoa, esse trabalho também se inspira e toma forma como um "filme-carta", conceito bem utilizado e difundido pelo teórico Cezar Migliorin no seu estudo “O ensino de cinema e a experiência do filme-carta”, de 2014. Esse modelo cinematográfico contribui para as características estéticas deste curta, uma vez que, abraça as limitações técnicas que podem existir como parte da construção narrativa e democratiza o processo de fazer filmes. O filme-carta é um caminho de expressar ideias, em que deixa explícito um ponto de vista e entrega a parcialidade de quem o realiza.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 1967, o alcoolismo é considerado uma doença. Entendendo as complexidades desse tema, esse trabalho tenta compreender porque o alcoolismo é um vício tão aceito pela sociedade. Assim como os demais vícios, o alcoolismo é um tabu ainda pouco discutido, e são poucas as campanhas de grande alcance de esclarecimento e informação sobre a doença. Porém, por se tratar de uma droga lícita, além de culturalmente aceita pela maioria das pessoas, o uso abusivo do álcool está relacionado a problemas estruturais que envolvem a cultura patriarcal, construções de uma masculinidade tóxica e as desigualdades e pressões sociais.

Essa aceitação causa, ao mesmo tempo, uma invisibilidade do problema e conseqüentemente, uma dificuldade maior para perceber quando uma pessoa se torna um alcoólatra. Tal doença atinge várias camadas da população e conseqüentemente, os familiares e amigos também são afetados, como é o caso do personagem do curta proposto neste trabalho. Ainda que o alcoolismo não seja o protagonista, ele existe e existiu na vida desse homem e trouxe memórias, por vezes, dolorosas para a família.

Assim, este trabalho tem por objetivo mostrar a importância das memórias, a forma como as lembranças são passadas e como o alcoolismo não é um fator determinante de nenhum ser humano. O estilo do documentário foi escolhido com esse intuito, de atingir tal feito, de modo a conseguir passar a mensagem desejada a partir de um "filme-carta" de uma neta que, por meio do acionamento de memórias, busca se dirigir ao avô que não conheceu.

Ao longo do primeiro capítulo, é apresentada a temática do alcoolismo, o recorte escolhido para este trabalho e também algumas referências audiovisuais que apresentam personagens alcoolizados. No segundo capítulo, discutimos o documentário em primeira

pessoa e referências de filmes documentais que se valem desse tipo de narração, bem como conceito de filme-carta e como ele tem se apresentado na história do cinema brasileiro. No terceiro capítulo, é descrito o processo de produção do curta documentário "Seu Domiro", apresentando elementos como sinopse, argumento, aspectos estéticos, narrativos e discursivos do curta, bem como seu pré-roteiro.

1 - ALCOOLISMO

Esse trabalho tem o intuito de abordar o alcoolismo, sem trazer estereótipos e estigmas sobre este problema, entendendo a forma como desigualdades de gênero, raça e classe social podem implicar nesse cenário. O debate acerca do assunto se dá devido ao alcoolismo presente na família da realizadora e do que isso acarretou na vida de todos os familiares, tendo a compreensão de como a estrutura patriarcal e o papel do homem provedor de um lar pode ter afetado a vida de Seu Domiro, principal personagem dessa narrativa.

O álcool é uma substância que pode ser consumida em todo território nacional de forma legal, porém, permitido seu consumo somente após os 18 anos de acordo com a Lei nº 13.106, de 17 de março de 2015. Por se tratar de uma substância lícita e que faz parte da vida e do cotidiano de muitos brasileiros, diversas vezes pode passar despercebido até que seu consumo chegue ao extremo, se tornando um vício. Pessoas viciadas em álcool perdem bens pessoais, moradias, empregos, entes queridos ou fazem com que seus familiares sejam afetados psicologicamente e materialmente como consequência do convívio.

O alcoolismo, assim como vários outros vícios, causa além de perdas físicas e materiais, perdas morais e danos psicológicos e emocionais severos e extensos. Assim, neste capítulo, são trazidos dados e pesquisas que nos fundamentam na discussão das consequências sociais e culturais do alcoolismo, bem como a maneira como o tema tem sido representados personagens alcoólatras no audiovisual brasileiro.

1.1 - EFEITO DO ALCOOLISMO NAS RELAÇÕES FAMILIARES E NA SOCIEDADE

O Brasil é um país que consome bastante bebida alcoólica. Em um estudo feito pelo "3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira"¹, em 2017, divulgado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), constatou-se que aproximadamente 2,3 milhões de pessoas apresentaram critérios para dependência de álcool nos 12 meses anteriores à pesquisa.

¹ III LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE O USO DE DROGAS PELA POPULAÇÃO BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>

Vários estudos e pesquisas são feitas acerca deste tema e seus possíveis recortes de raça, classe, gênero e até espaço geográfico. Em uma dessas pesquisas, realizada em 2000, os autores Eurípedes Costa do Nascimento e José Sterza Justo discorrem sobre o assunto

O alcoolismo tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo, estando associado a diversos outros problemas como: mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, sendo, também, companheiro inseparável de homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, deserção do trabalho, da escola, etc. (NASCIMENTO; JUSTO, 2000, p. 529)

Esses fatores são de suma importância para entender uma sociedade e as semelhanças entre seus indivíduos, bem como fornecem dados fundamentais para políticas públicas de combate a outros problemas relacionados, como aqueles citados pelos autores (acidentes de trânsito, homicídios, feminicídio e violência contra mulheres e crianças). Um levantamento feito em 2019 pela VIGITEL (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico) mostrou que, no Brasil, 18,8% da população que consome álcool, o consome de forma abusiva e que o percentual de ingestão dos homens é quase o dobro das mulheres.² Dentro desses diversos recortes existentes, aqui é possível ver um destaque para a diferença do consumo em relação ao gênero, onde o consumo abusivo é maior da parte dos homens, refletindo a relação entre o incentivo aos abusos do álcool e construções sociais e culturais sobre a masculinidade.

Além das consequências socioeconômicas que essa doença pode trazer, existem também as consequências físicas, biológicas e psicológicas. De acordo com o médico Draúzio Varella (2011)³, usuários crônicos de álcool costumam frequentemente desenvolver deficiências nutricionais de proteína e vitaminas do complexo B, e quando enfrentam crises de abstinência seus sintomas mais frequentes são: tremores, distúrbios de percepção, convulsões e *delirium tremens*. Assim, o alcoolismo é uma doença que agrava outras condições da saúde mental e biológica, sendo importante levá-la em conta ao se tratar de políticas públicas em diversos âmbitos, sejam aquelas voltadas ao combate à violência e as questões sociais, sejam as que tratam de saúde pública.

² CONSUMO DE ÁLCOOL: DEFINIÇÕES E NÚMEROS DO BRASIL. Disponível em: [https://ocid.es.gov.br/Not%C3%AAdcia/consumo-de-alcool-definicoes-e-numeros-do-brasil#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Vigitel,no%20entanto%2C%20aumentou%20nesse%20per%C3%ADodo](https://ocid.es.gov.br/Not%C3%AAdcia/consumo-de-alcool-definicoes-e-numeros-do-brasil#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Vigitel,no%20entanto%2C%20aumentou%20nesse%20per%C3%ADodo.). Acesso em: 13/04/2023

³ VARELLA, Drauzio. Alcoolismo | Artigo. Portal Uol, 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/alcoolismo-artigo/>. Acesso em: 13/04/2023

E entendendo sua complexidade e abrangência, que esse trabalho busca se aprofundar no tema com o recorte familiar e por meio de uma abordagem da representação audiovisual do alcoolismo. A pesquisa tem o intuito então, de tirar a discussão do âmbito acadêmico e teórico e trazer para o campo prático do documentário, desestigmatizando a imagem de uma pessoa que sofre com essa doença e abordando um tema que está presente nos lares de famílias brasileiras. O abuso excessivo do álcool pode prejudicar várias esferas da vida de uma pessoa, e afetar não somente ela, como as pessoas ao seu redor, seus empregos, relações, vínculos e afins.

1.2 - PERSONAGENS ALCOÓLATRAS

Ao longo dos tempos, na arte, em todas suas formas de expressão, são diversas as representações de personagens alcoólatras, seja na literatura, no cinema, no teatro, na televisão, entre outros. No cinema, destacamos alguns filmes de ficção que retratam o tema em seus personagens, como *Diário de Um Jornalista Bêbado* (Bruce Robinson, 2012), *Coração Louco* (Scott Cooper, 2010), *O Campeão* (Franco Zeffirelli, 1979), *Nasce Uma Estrela* (Bradley Cooper, 2018), *O ébrio* (Gilda Abreu, 1946) e muitos outros. Na televisão brasileira, especialmente na telenovela, tivemos várias abordagens do alcoolismo por meio de personagens como *Lobato* (*O Clone*, 2001), *Santana* (*Mulheres Apaixonadas*, 2003), *Renata* (*Viver a Vida*, 2009) e vários outros. Isso mostra como o alcoolismo vem sendo um problema da sociedade retratado nas telas, seja por meio da TV ou do cinema. Uma forma da população se conectar com esses personagens e, de alguma maneira, terem acesso a um universo ainda pouco discutido.

Ao pesquisar referências de personagens alcoólatras para esse estudo, pouco se encontrou no audiovisual brasileiro, e inicialmente, uma das possibilidades seria o personagem Jackson Maine do longa metragem, *Nasce Uma Estrela* (2018). Entretanto, o intuito era algo que representasse a cultura brasileira, e até mesmo latina, bem como os tipos de problemas sociais, políticos e econômicos que muito se assemelham nos países latinos. Sendo assim, o personagem de Bradley Cooper, foi substituído pelo personagem de Vera Holtz (Santana) em *Mulheres Apaixonadas* (2003). A telenovela brasileira, escrita por Manoel Carlos, tinha como uma de suas personagens, uma professora de colegial que sofria com o vício em álcool, e como isso afetou diretamente sua vida pessoal e até mesmo seu trabalho.

Santana é o retrato de uma grande parcela da população brasileira, mulher e professora, que vive o cotidiano da sala de aula e dos desafios ali enfrentados. Por se tratar de uma novela brasileira e ambientada no Brasil, traz mais proximidade com o tema e com o público do documentário, são problemas afins, em cenários afins. Esse reconhecimento é crucial para a melhor compreensão e desenvolvimento do tema, uma vez que, um cenário muito distante não auxilia na conexão entre obra e leitor/espectador.



Figura 1 - Vera Holtz como Santana na novela *Mulheres Apaixonadas* (2003)

Fonte: <https://www.estrelando.com.br/foto/2017/12/09/relembre-as-producoes-brasileiras-que-falaram-sobre-a-questao-do-alcoolismo-211144/foto-1>

O mesmo acontece com o personagem Gilberto Silva do filme *O Ébrio* (1946), de Gilda de Abreu, que vive em uma realidade que pode ser comum para muitos brasileiros. O filme foi, na época, um sucesso de bilheteria, chegando a desbancar grandes sucessos internacionais⁴. Neste filme, um homem que se vê desolado, tendo perdido várias coisas em sua vida, recorre ao álcool como uma forma de fuga da sua dolorosa realidade, o que pode fazer sentido no sucesso de bilheteria, uma vez que, é possível que outras pessoas se vejam no personagem e em sua história.

⁴ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-120829/> Acesso em: 11/04/23



Figura 2 - Vicente Celestino como Gilberto Silva, personagem do Filme *O Ébrio* (1946) de Gilda de Abreu.

Fonte: <http://oberronet.blogspot.com/2014/06/o-ebrio-filme-de-gilda-abreu-com.html>

Essas referências foram importantes para entender que não bastava retratar o tema do alcoolismo, era necessário ter uma familiaridade com a realidade sociocultural, a fim de criar uma ligação com o tema e com o seu desenvolvimento. O Brasil é um país que ainda enfrenta muitas mazelas sociais, jornada trabalhista exaustiva, formatos de famílias patriarcais, construções sociais e culturais de masculinidades tóxicas, e outras questões que ajudam a entender por meio desses personagens e do protagonista desse documentário, porque o alcoolismo se torna uma opção para as pessoas.

2 - DOCUMENTÁRIO

Para tratar do tema do alcoolismo, propomos um documentário que aciona as memórias em torno do avô da realizadora deste TCC. Trata-se de um documentário em primeira pessoa, em formato de filme-carta, em que a realizadora busca (re)criar a imagem do avô que não conheceu, mas que deixou a sua marca na família não só pela sua experiência com o alcoolismo, mas também por outros aspectos que compuseram a sua existência. Assim, neste capítulo, propomos uma reflexão sobre o documentário em primeira pessoa, o filme-carta, bem como apresentamos as referências que inspiraram este trabalho.

2.1 - DOCUMENTÁRIOS EM PRIMEIRA PESSOA

O documentário em primeira pessoa vem se mostrando uma forma presente na cena de filmes não ficcionais na contemporaneidade. O teórico de cinema Bill Nichols, um dos fundadores das abordagens contemporâneas sobre a não ficção audiovisual, ressalta que “podemos dizer que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos” (2001, pg. 102). Porém, o documentário em primeira pessoa não tem necessariamente essa necessidade de convencimento, afinal, trata-se mais de uma forma que assume sua perspectiva discursiva ao expor um sentimento, ou contar uma história a partir da própria experiência, do que promover debates sociais por meio de diversas vozes e perspectivas. É certo que isso não é um fator limitante, mas um documentário como este se aproxima dos modos poético e participativo, seguindo seu ritmo construído com um intuito não de convencer, mas de emocionar, e ainda que tenha o alcoolismo como coadjuvante, não é como uma forma de se abrir uma discussão social sobre o tema.

Em seu livro *Introdução ao Documentário*, Bill Nichols afirma que “o modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais” (2001, pg 138). Sendo assim, é possível ver semelhança com este trabalho, e em como esse formato se encaixa bem na estética narrativa e discursiva do documentário aqui construído, trazendo mais liberdade para seu processo criativo, buscando uma certa configuração narrativa que mais se aproxima do fluxo da memória.

Sobre o modo participativo, Nichols afirma que ele "dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação" (2001. p. 153). Isto é, no modo participativo coloca-se em evidência a própria experiência do documentarista no processo de construção do documentário. Em *Introdução ao Documentário* (2001), acerca do modo participativo, Nicholls explica que:

O cineasta despe o manto do comentário com voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos.) (NICHOLS, 2001, pg. 154).

Sendo assim, este modo do documentário conversa diretamente com o curta aqui apresentado, haja vista que há a interação entre realizadora e entrevistada, com perguntas, dúvidas e troca de palavras. Assim, o documentário em primeira pessoa é também participativo, pois quem realiza é quem pergunta e se dirige às outras pessoas que participam do filme, tirando a necessidade de um interlocutor ou intermediador, como acontece em outros modos de documentário.

Na busca de entender os desdobramentos desse formato de documentário, que vai além dos modelos clássicos conhecidos, a pesquisadora Ilana Feldman reflete

Nesse trânsito cruzado entre o eu e o outro, entre a primeira e a terceira pessoa, entre olhar e ser olhado, é notável o modo como o documentário brasileiro contemporâneo lança mão de estratégias de inclusão do olhar – bem como da palavra – do outro no âmbito da cena documental: talvez para que os realizadores possam assim melhor falar de si e de suas classes sociais. (2012, pg 53).

Esse modelo de fazer filme possibilita uma outra forma de comunicação, de interação, e até mesmo de ligação entre quem realiza e quem assiste. O documentário em primeira pessoa permite que o(a) espectador(a) se aproxime do(a) realizador(a), de sua história, da narrativa que está sendo passada. É possível entender melhor suas dores, seus conflitos, suas dúvidas ou seja o que for que está sendo passado em tela, visto que, é uma forma do(a) criador(a) expressar o que quer encontrando caminhos estéticos e discursivos nos quais se sinta confortável para compartilhar. O documentário em primeira pessoa traz a possibilidade de contar mais de uma história (a contada e a de quem conta), já que quem cria é também participante ativo da narrativa.

Para este trabalho, foi necessário buscar algumas referências de outros documentários feitos em primeira pessoa, a fim de entender seus modos expressivos, as diferenças estéticas e

discursivas dentro da mesma narrativa. Este formato de documentário possibilita uma participação e espetacularização do outro, mas de certa forma de si mesmo ao ser voz ativa na obra, é o que diz a pesquisadora Roberta Veiga em seu estudo *Autobiografia “não-autorizada”*: por uma experiência limiar no documentário na primeira pessoa.

O cinema do eu, mais especificamente, o documentário na primeira pessoa – dado o nível de elaboração do eu/cineasta, a complexidade da produção, e a linguagem já consolidada em gêneros – é capaz de nos fornecer mais elementos para perspectivar ambas as tendências: da espetacularização e da experimentação de si. (VEIGA, 2016, p. 44.).

Sendo assim, o longa *Elena* (2012) da cineasta Petra Costa, foi a principal fonte de referência, uma vez que, se aproxima do discurso narrativo escolhido, da estética aplicada neste curta e na intenção de criar algo sobre alguém que já não está mais vivo, na intenção de criar a partir de memórias.

Em *Elena*, a documentarista conta a história de sua irmã mais velha, já falecida, e cria essa narrativa por meio de fotos, vídeos e áudios antigos, utilizando da montagem, a principal via de cronologia para o longa. A forma como a personagem é apresentada gradativamente e a narração feita pela irmã, faz com que o(a) espectador(a) se conecte tanto com Elena, assim como com Petra, de uma forma que ao compartilhar a história da irmã, está dividindo uma parte da sua história também.

Outro filme que inspirou este trabalho, é o curta *Querida mãe* (2008) de Patrícia Cornills. Nele, a realizadora conta a história de sua mãe (que ela não chegou a conhecer), por meio de cartas que ela enviou para a avó da realizadora. No filme, as cartas são narradas pela própria filha, e as imagens tentam acompanhar os assuntos que estão sendo ditos nas cartas. Nesse curta, é possível, mais uma vez, criar uma conexão tanto com a realizadora e narradora, como com a personagem que escrevia a carta, conseguindo abraçar as duas histórias, que se conectam por meio do documentário das histórias vividas.

Esses filmes são referências concretas e atuais deste modelo de documentário, trazendo diferentes enredos, mas com o mesmo intuito: contar a história de um ente querido que se foi por meio de memórias e recordações (mesmo que as realizadoras tenham pouco ou sequer conhecido tais pessoas tão marcantes em suas vidas). Tais obras são importantes para entender como é possível criar uma narrativa própria e ver que o cinema está em constante

mudança, sempre se adaptando e se inovando, a fim de acompanhar os anseios de quem cria e compartilha histórias.

Os documentários são, então, um meio de contar histórias que, ainda que pautadas pelas memórias, relaciona-se com o real, abordando a existência de pessoas e lugares reais, em suas mais variadas formas. A pesquisadora Ana Cecília Costa Santos conta em seu estudo *Documentário em primeira pessoa: relatos íntimos no audiovisual* que “consideramos que o documentário em primeira pessoa situa-se em uma zona de interseção entre os gêneros documentário e ficção, incorporando elementos de ambos e produzindo uma terceira forma de relato audiovisual com forte caráter memorialista” (2012, p. 20,). Sendo assim, é possível compreender a versatilidade do gênero e como o documentário em primeira pessoa aparece como uma terceira via, entre a ficção e o real, trazendo consigo principalmente a memória como veículo.

E é entendendo a dinâmica do documentário em primeira pessoa e sabendo qual é o intuito deste trabalho, que se buscou fazer um filme-carta, tendo a ciência da liberdade que esse modelo traz. O filme-carta permite que a realizadora converse livremente com o espectador (e com seu avô, a quem o filme se dirige), podendo ser direta, intencional e proposital na narrativa que pretende entregar e contribuindo para a característica poética e participativa, que esse modelo agrega.

2.2 - FILME-CARTA

Este trabalho mergulha também nas características de um filme-carta - conceito difundido e analisado pelo professor e pesquisador Cezar Migliorin em seu trabalho *O ensino de cinema e a experiência do filme-carta* (2014). Em seu estudo, o professor comenta sobre a importância desse modelo fílmico para o nosso cinema e para as nossas universidades, entendendo que é possível ser produzido com poucos equipamentos, técnicas, recursos e afins.

Há uma construção propriamente pedagógica no filme-carta que coloca os estudantes imediatamente no desafio de um lugar parcial ante à realidade [...] As consequências de tal abordagem colocam as produções dos alunos fora de um pertencimento histórico; ao mesmo tempo, passa a fazer parte de qualquer exercício com um filme-carta, a introdução da história do cinema na máquina pedagógica. (MIGLIORIN, 2014, p. 11)

Ele traz o modelo como um dispositivo pedagógico e democrático, possibilitando que estudantes possam criar seus filmes sem precisar de muitos aparatos, e associa isso à produção de uma carta, em que não precisa de muito para ser feita: “Assim como uma carta pode ser escrita em um guardanapo, sem com isso perder qualquer valor” (MIGLIORIN, 2014, p. 09).

O filme-carta tem a intencionalidade de um olhar direcionado, parcial, que apresenta um ponto de vista e por isso a união com o documentário em primeira pessoa neste trabalho. Ambos trazem essa característica, de possibilitar para o espectador um olhar mais direcionado, mais específico.

O filme-carta nos aproxima de uma multiplicidade de possibilidades e decisões de realização que aproximam os estudantes da singularidade da imagem e da necessidade de um ponto de vista, de um recorte e de uma montagem do mundo. (MIGLIORIN, 2014, p. 11).

No audiovisual nacional é possível encontrar alguns filmes que também fazem uso desse tipo discursivo e que foram usados como referências para esse documentário, como *Inconfissões*, de Ana Galizia (2018), *Babás*, de Consuelo Lins (2010), *Diário de Uma Busca*, de Flávia Castro (2010) e *Uma Longa Viagem*, de Lúcia Murat (2011). Todas essas obras serviram como um meio para melhor entender o que é o filme-carta, sua estética, formas e possibilidades.

Em *Babás*, a cineasta Consuelo Lins relata sobre o modelo brasileiro de babás nas casas de família e a familiaridade com o período escravocrata das "amas de leite". No curta, a cineasta conta sua própria experiência em ter tido uma babá que fez parte da sua criação e em como sua visão sobre o assunto mudou durante os anos. Consuelo cria o filme por meio da sua narração, conversando diretamente com o espectador e colocando ali exatamente a forma como se sente, o que pensa e toda a proximidade com o assunto apresentado. Esse filme é um filme-carta que exemplifica bem a relação realizadora-espectador, e intencionalidade e parcialidade presente neste modelo.

Outro exemplo, é *Uma Longa Viagem* de Lúcia Murat, em que a cineasta conta a respeito da sua vida e seus irmãos e principalmente, a ligação que tiveram com a vida política. Neste filme, Lúcia mescla a ficção com a não ficção, visto que, ora mostra momentos de entrevista e diálogos com seu irmão Heitor, ora a vida de seu irmão é interpretada pelo ator (Caio Blat), que revive e narra alguns momentos vividos por Heitor.

Assim como em alguns dos outros filmes-cartas citados neste trabalho, em *Uma Longa Viagem*, a realizadora também faz uso de fotos, vídeos, cartas e até cartões postais.

Além de referências para compreender o campo teórico, esses filmes também contribuíram para a montagem e forma estética do documentário "Seu Domiro". A forma como todos eles trabalham, as fotografias reveladas, as narrações, a câmera que não tem um enquadramento ou iluminação perfeita, as respostas que se misturam às perguntas e como articulação entre todos esses elementos tecem uma história. Dessa forma, foi possível criar a narrativa por meio da perspectiva da realizadora deste trabalho, entendendo a estética que o filme-carta possibilita e até mesmo deseja, algo mais informal, mais livre, pessoal e intuitivo.

3 - CURTA-METRAGEM "SEU DOMIRO"

Neste capítulo são apresentados os documentos de pré-produção, bem como algumas decisões tomadas no processo de construção estética, narrativa e discursiva do documentário "Seu Domiro". O curta-metragem apresenta partes da vida do avô da realizadora, tendo como principal fonte de informações as fotografias, documentos e relatos da esposa de seu Domiro, dona Amália. Abraçando a estética que um filme-carta e um documentário em primeira pessoa podem entregar, a construção do curta foi feita de forma orgânica, em que não foi feito nem mesmo um roteiro de pré-produção, o filme foi crescendo naturalmente, acompanhando a narrativa que Dona Amália entregava.

3.1 - SINOPSE

Em uma carta-filme, a realizadora busca se dirigir ao avô que não conheceu e refletir sobre os efeitos do alcoolismo nas relações familiares, sem incorrer na sua estigmatização. Por meio de fotografias antigas e novos registros de objetos pessoais, lugares e pessoas, utiliza da sua narração para apresentar o personagem do avô de forma singular.

3.2 - ARGUMENTO

O curta documentário se passa em primeira pessoa e em formato de carta. A carta é falada por mim e endereçada ao meu avô, contando como estão as coisas por aqui e como eu cheguei até ele e suas histórias. Em meio à narração de tom memorialístico, há depoimentos importantes de minha vó, Dona Amália, para a construção da narrativa, contribuindo para o desenvolvimento e dinamismo do curta. O protagonista do filme é um homem alcoólatra, porém, o álcool não é o protagonista, pois, a ideia é justamente mostrar que pessoas alcoolizadas vão muito além de seus vícios. O curta conta com trechos filmados, depoimentos, recortes de fotografias de família e colagens desses elementos, trazendo uma diversidade visual. A intenção do curta é, além de mostrar a vida de uma pessoa que marcou muitas outras enquanto estava vivo, abraçar a narrativa do alcoolismo em que tantas famílias se sentem pertencidas.

3.3 - ESTÉTICA, NARRATIVA E DISCURSO

A estética abordada neste documentário foi escolhida na busca de entender qual forma melhor poderia contribuir para a narrativa pretendida. A união de fotografias antigas da família e envelhecidas, com câmeras amadoras, formam a estética desejada para esse filme íntimo, que é também feito com poucos recursos e cumpre com a ideia de ser universitário, feito por mãos ainda amadoras. A estética ajuda na construção da narrativa, pois é ela que possibilita o sentido em tudo o que está sendo dito, ela justifica a forma como foi feito e apresentado.

Tendo como base os estudos e análises de Bill Nichols (2001), este documentário se apropria de alguns dos modos do documentário tipificados pelo autor. Além dos modos poético e participativo, já comentados no capítulo anterior, ressalta-se o modelo reflexivo. O modo reflexivo é aquele que "chama atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça a nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme"(2001, p.63)

Sendo assim, é notória a influência desses três modos distinguidos por Nichols na produção deste documentário, já que a documentarista participa ativamente do discurso do filme, sendo ela a narradora, enfatizando a interação da cineasta com o tema, e fazendo com que o filme assumira uma certa consciência reflexiva, revelando seu lugar de fala e os artifícios de sua construção. Porém, foi buscando algo diferente e que conseguisse expressar o que o discurso pedia, que se utilizou o documentário em primeira pessoa e o filme carta. Essa construção narrativa possibilitou abordar o tema de forma pessoal, íntima, parcial e sincera com os espectadores e com as expectativas da própria realizadora.

Além disso, o documentário se vale da relação poética entre seus elementos constituintes: ruídos, imagens captadas, fotografias, narração. Por vezes, provocando outros sentidos, com o cheiro doce que ainda permanece no local onde seu Domiro preparava os pés-de-moleque. Ou mesmo evocando a ideia da carta, por meio do ruído da datilografia e da escolha da fonte tipográfica no plano que apresenta o título da obra.

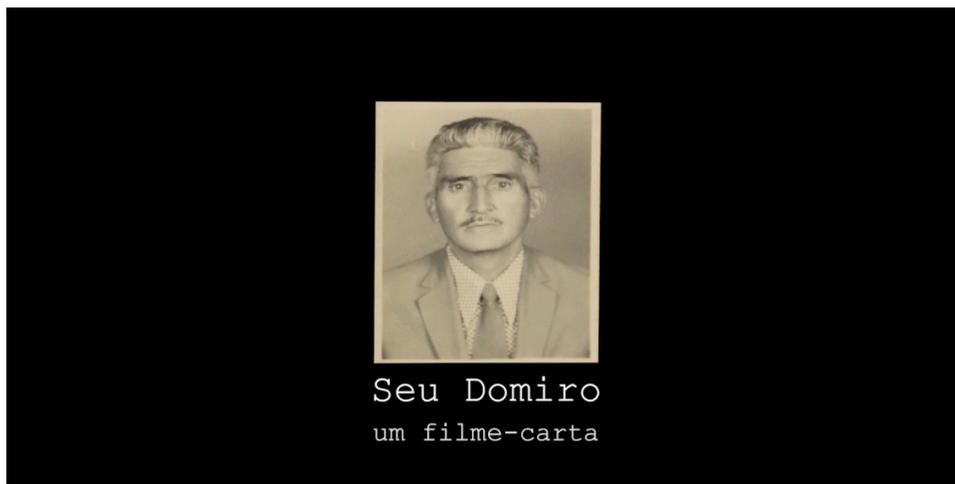


Figura 3 - Plano do título do curta “Seu Domiro - Um filme-carta”

Fonte: acervo pessoal da autora

Para este curta, o discurso se deu de forma natural, entendendo que seria o melhor caminho para entregar o resultado desejado, e principalmente, falar de um tema sensível e pessoal respeitando a história do personagem sem soar apelativo e tendencioso. O personagem principal é o avô da realizadora, que faleceu antes que a mesma pudesse conhecê-lo. Por meio do discurso criado, a realizadora busca uma forma de se reconectar, reconhecer e conhecer seu avô, escutando histórias por trás de fotografias e depoimentos colhidos. Sendo assim, o intuito é que os espectadores do documentário possam descobrir quem foi o avô de Luísa juntamente a ela, no decorrer do filme, compreendendo a forma de discurso apresentada.



Figura 4 -Uso de fotografias e documentos no curta “Seu Domiro - Um filme-carta”

Fonte: acervo pessoal da autora

A presença do personagem que dá título ao filme, Seu Domiro, se dá por meio da imagem de documentos, fotografias e objetos que o representam ou que lhe pertenciam, além da presença no discurso da Dona Amália e da narração da documentarista.

3.4 - PERFIL DE PERSONAGEM

Waldomiro Guimarães nasceu em Estrela do Sul (MG), em uma família humilde, e começou a trabalhar desde cedo. Grande parte do que se sabe da vida de Seu Domiro é o que foi passado em conversas de família, tendo pouquíssimos registros da sua vida antes de se casar com Dona Amália, que conta que Waldomiro era um homem trabalhador, responsável e andarilho. Tendo descendência de povos indígenas e ciganos, saiu de Estrela do Sul e andou por vários cantos do Centro-Oeste, até chegar em Formosa (GO) onde conheceu sua futura esposa, Amália. A partir de Formosa, o casal morou em algumas cidades, como Ceres (TO) e Anápolis (GO) onde fincaram raízes. Já em Anápolis, mudaram de casa algumas vezes até ficarem na casa em que construíram sua família, casa em que Dona Amália reside até hoje.

Durante o final dos anos 1950 e início de 1960, a família se mudou para o Distrito Federal. Seu Domiro fazia parte dos candangos que ajudariam na construção da nova capital nacional. Devido às péssimas condições de moradia, trabalho e o baixo salário, a família voltou para Anápolis e reconstruiu sua vida de lá. E foi a partir daí, das dificuldades da vida adulta, de ser o provedor do lar, criar e sustentar quatro filhos, que o álcool se tornou um vício.

De acordo com a esposa e os filhos, o álcool se tornou uma válvula de escape para seu Domiro devido a vida árdua que levavam. Porém, nunca deixou de ser um homem honesto e muito trabalhador, sendo assim, nunca deixou faltar comida ou dinheiro em casa e foi assim que os doces vieram para complementar a renda. Sua especialidade era o pé de moleque. Ele fazia os doces em um tacho de cobre e colher de pau, e os colocava em uma cesta para junto dos filhos sair na rua para vender.

Tendo se tornado um alcoólatra, tinha ciência disso e por várias vezes tentou sair do vício. Os familiares contam que ele se internou sozinho repetidas vezes, na intenção de conseguir ficar limpo, mas sempre acabava tendo recaídas e voltando ao vício. Somente quando teve uma doença nos rins, que foi necessário fazer hemodiálise todos os dias, que Seu

Domiro largou o vício, por conta dos remédios e da fraqueza de seus rins, seu organismo não iria aguentar se continuasse.



Figura 5 - Casamento de Waldomiro e Amália

Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 6 - Waldomiro, Amália e os quatro filhos (Lourdes, Carlos, Vilma e Neuza)

Fonte: acervo pessoal da autora

3.5 - ROTEIRO

Cenas/Planos	Vídeo	Áudio
01	Tela preta, logo UFMT; Leteiro do curso	Ruídos de conversa - fade out
02	Foto do avô jovem - zoom out	<p>Narração da carta feita para o avô pela realizadora</p> <p><i>“ Oi, vô Será que é estranho pensar que eu tô fazendo esse filme pra você, sendo que eu nem mesmo te conheci? Bom, acho que é o que acontece quando memórias são criadas e as pessoas que nos amam nos mantêm vivas no dia a dia. E com você foi assim, minha mãe, minhas tias, primas, todo mundo sempre lembrou muito bem de você e assim, acabei criando um laço afetivo. Então eu decidi fazer esse documentário pra entender mais a fundo a pessoa que você foi, seus lados bons e ruins, a pessoa que você era como pai, esposo, vô, tio e essas coisas. “</i></p>
03	Título do documentário em tela preta e foto de Seu Domiro “Seu Domiro - Um filme-carta”	Som de máquina de escrever
04	Dona Amália (avó) sentada no sofá de sua sala, contando momentos com/do marido (vô)	<p>Voz off realizadora</p> <p><i>“Vô, agora eu queria que a senhora me contasse, como foi o casamento da senhora com meu vô? Casamento assim, a vida de casada com meu vô? Como foi a vida de casada?”</i></p> <p>Dona Amália</p> <p><i>“Como foi a vida de casado? Uai minha filha, uma vida assim de luta. A gente casou e morou assim, num lugar muito ruim primeiro. Mudou pra aqui, pra ali, pra culá. Levou muito tempo até que eu mudei pra uma casa que foi essa que eu falei</i></p>

		<p>procê. Quando a Vilma chegou, que ele chegou... Já bebia, né? Ele bebia, ele chegou meio tonto com a cabeça rapada, ela falou “ué, esse não é meu pai não”. E aí, fomos vivendo, vivendo, até mudamos pra aqui e foi quando mudamos pra aqui que as coisas foram melhorando mais.”</p> <p>Voz off realizadora <i>“E desde que a senhora conheceu meu vô, ele já bebia?”</i></p> <p>Dona Amália Não, se bebia não era assim, muito não. Bebia, mas não era muito não. Depois foi ficando de idade também, né? Foi bebendo e tudo, mas no começo não bebia muito não.</p> <p>Voz off realizadora <i>“E como que era ele como marido? Como que meu vô era como marido? Como que ele foi, né, como marido?”</i></p> <p>Dona Amália É, assim, um marido trabalhador, muito com as obrigações dele. Era trabalhador. Só que era assim, quando foi ficando mais de idade começou a beber, e aí, ele descontrolava.</p>
05	Certidão de casamento de Dona Amália e Seu Domiro	<p>Voz off Dona Amália <i>Não era... Depois foi descontrolando, descontrolando, até que chegou ao ponto de, adoeceu, né? Não podia mais nem trabalhar, nem nada. E aqui nessa casa foi que ele morreu, né.</i></p>
06	Dona Amália e a filha Vilma, sentadas no sofá olhando o álbum de fotos.	<p>Voz off Vilma <i>“Como que meu pai começou a fazer doce de amendoim, mãe?”</i></p> <p>Voz off Dona Amália <i>“O tempo eu não sei. Agora, ele começou a fazer com a senhora...”</i></p>
07	Vídeo da casa e do quintal de Dona Amália.	<p>Voz off Dona Amália <i>“...que a filha dela é casada com</i></p>

		<i>sobrinho do meu marido, Divino. Dona.. Cê não lembra não, né? Divina? Acho que é Dona Divina, né. Aí, fazia o doce, punha numa lata, grande. Tamanho de uma telha, mas era de alumínio. E aí, faz o pé de moleque, né, faz o docinho... Não, não é pé de moleque... Como é que chama? Que ele fazia... É doce mesmo, né? Fazia, ia pondo com a colher naquela tábua assim, só que é de alumínio. E aí, tirava aquelas coisinha, aqueles pedacinho de doce,</i>
08	Vídeo da parte de baixo da escada	<i>Voz off Dona Amália Tinha feito uma cuinha assim, ó. E vendia, né. Fazia moído, fazia do amendoim inteiro... Torrava o amendoim, jogava na peneira, descascava.</i>
09	Vídeo da área de serviço	<i>Voz off Dona Amália E aí começa a fazer o doce, né? Fazia aqui na cozinha, depois passou lá para baixo, sabe?</i>
10	Vídeo do quarto em que seu Domiro guardava as coisas	<i>Voz off Dona Amália E aí, ele fazia outros tipos de doce, mas não tem lembrança mais não, tá? Mas o de amendoim ele fazia. Saia pra rua com a cestinha, tenho essa cestinha até hoje. Vendia tudo! Vendia até pra fora de Anápolis</i>
11	Imagem do tacho que cobre usado para fazer os doces	<i>Narração da realizadora “Minha mãe fala que até hoje aqui embaixo tem o cheiro dos doces do senhor, é um cheiro bom, cheiro doce. Pena que câmera não tem cheiro. Me impressiona muito a força que as memórias têm, às vezes é como se eu tivesse convivido muito com você, a ponto de sentir saudade, sabe? E tudo isso por causa das memórias que você criou.</i>
12	Imagem da cesta de doces	<i>As pessoas lembram de você pela sua simpatia, carisma e principalmente, seus doces. E isso é bom.</i>

13	Imagem do ralador utilizado nos doces	<i>De todas as pessoas que eu perguntei sobre você, pra nenhuma delas a primeira resposta foi qualquer coisa relacionada ao álcool.”</i>
14	Tela preta, fade in imagem do casamento de Amália e Waldomiro.	Voz off Dona Amália <i>Meu marido não era muito bom mas, a gente viveu. Mas que bom não era não. Foi, sofri igual uma cachorra em Brasília.</i>
15	Albúm de fotos de Amália e Waldomiro jovens	Voz off Dona Amália <i>Nós foi pra lá e levou aquele mundo de coisa pra vender, lá em Brasília. Esses meninos que era pequeno, a Lourdes, o Carlos...</i>
16	Foto de criança 1 (Lourdes)	Voz off Dona Amália <i>Saiu tudo com a bandejinha de banana pra vender, que ele levou um caminhão de banana, né!?</i>
17	Foto de criança 2 (Neuza)	Voz off Dona Amália <i>E chegou lá, quase não vendia. Os meninos saia assim pra rua pra vender.</i>
18	Foto de criança 3 (Carlos)	Voz off Dona Amália <i>E nós morava numa casa muito ruim, nesse lugar muito ruim</i>
19	Foto de criança 4 (Vilma)	Voz off Dona Amália <i>Demais da conta. E ele foi trabalhar lá no... Ele trabalhava</i>
20	Foto 1 da construção de Brasília	Voz off Dona Amália <i>Ele era o que eu falei, procê. Ele era carpinteiro bom. Ele trabalhou lá nos três poderes.</i>
21	Foto 2 da construção de Brasília	Voz off Dona Amália <i>Subterrâneo. Em Brasília. Ele trabalhou no subterrâneo.</i>
22	Foto de Seu Domiro no quintal da casa em construção	Voz off Dona Amália <i>Dos três poderes, assentando porta. Por isso que ele era devoto de São José.</i>
23	Dona Amália sentada no sofá	Dona Amália

	da sala	São José foi carpinteiro, cê sabe, né? É, São José foi carpinteiro, ele foi carpinteiro. E lá em Ceres, eles foram fazer um negócio de serviço no aeroporto. Nesse lugar de avião, você sabe, né? Aeroporto. Mais outro homem estrangeiro, ele chegou lá ele ganhou em 1º lugar.... Em primeiro lugar.
24	Foto de Seu Domiro mais velho - zoom out	Narração realizadora <i>Bom, decidir fazer esse documentário dessa forma levou um tempo. Porque eu fiquei pensando, como vou fazer isso? Como vou falar sobre ele? Como vou fazer uma coisa pessoal de uma pessoa que eu não conheci? De uma pessoa que eu não cheguei nem perto de conhecer?</i>
25	Fade out tela preta - zoom out de foto da família	Narração realizadora <i>Enfim, fazendo assim, como uma carta, foi a melhor forma que eu achei de contar sua história e o que você significou para as pessoas, o que você viveu. Sabe vô, eu acredito muito que devemos falar das pessoas, homenageá-las ou coisa do tipo, enquanto elas estão vivas, pra que elas possam ver os efeitos da sua vida em outras pessoas. Mas no seu caso, isso nunca foi possível pra mim. Então, eu não sei onde você está agora, já são quase 30 anos que o senhor se foi, mas me apego à tradição mexicana, em que os entes queridos que se foram continuam</i>

		<p><i>vivos através das memórias que criamos aqui. E com você foi assim, agora, com o poder do audiovisual de criar e guardar momentos, você assiste tudo isso, Seu Domiro. E se torna eterno, não só na memória da nossa pequena família e de todas as próximas gerações, mas também em um pedacinho do nosso cinema brasileiro.</i></p>
26	Tela preta de créditos	<p>Voz off Dona Amália</p> <p><i>O povo lá de Cuiabá vai me conhecer? Conhecer meu marido? Os irmãos dele?</i></p> <p>Voz off da realizadora</p> <p><i>Todo mundo. Vai ficar todo mundo famoso!</i></p>
27	Foto de Seu Domiro e Dona Amália sentados na grama	

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de contar uma história, reviver e criar memórias a partir de recordações e relatos, entendendo os efeitos do alcoolismo em uma família, este trabalho buscou mostrar que a luta contra o alcoolismo não é o que define a vida de uma pessoa que sofre com essa doença. A princípio, o intuito era que os relatos fossem gravados com várias pessoas da família, todos os filhos, alguns sobrinhos e netos. Porém, devido à distância de moradia da realizadora que reside em Cuiabá e sua família em Goiás, não foi possível colher todos os depoimentos desejados. Sendo assim, optou-se por aproveitar os relatos de Dona Amália, que é a pessoa que mais conviveu em vida com Seu Domiro.

Por se tratar de um tema delicado como é o alcoolismo, que se fez presente durante anos na família, buscou-se uma forma de contar a história sabendo que os arquivos eram poucos e que o assunto era um tópico sensível a ser debatido. Dessa forma, o documentário em primeira pessoa e o filme-carta surgiram como alternativas para a narrativa apresentada, de forma que essa construção foi sendo feita de forma natural e não previamente elaborada. O principal ponto na formulação deste trabalho foi não apresentar o alcoolismo de maneira estereotipada e estigmatizada. A partir dessa premissa, a proposta apresentada foi construída.

Como dito anteriormente, os recursos eram escassos, não foi possível colher relatos de outro membro que não Dona Amália, e tendo em vista que Seu Domiro foi um homem de família pobre e andarilho, poucos foram os registros dele em vida também. Acredito que o maior desafio dessa pesquisa foi colher essas recordações tão escassas, os poucos documentos que se tinha para contar a história de alguém. O que a realizadora conseguiu encontrar e ter acesso, foram documentos e imagens a partir do casamento, o que limitou bastante a descobrir mais sobre quem foi Waldomiro Guimarães.

Esse documentário é uma forma de novas possibilidades e perspectivas sobre o assunto e o modelo cinematográfico utilizado, tendo em vista que tanto o alcoolismo, como o documentário em primeira pessoa e o filme-carta, podem continuar a ser explorados e debatidos. O alcoolismo ainda é um mal vigente na sociedade. Falar e debater sobre ele de forma objetiva e empática, entendendo seus desdobramentos, causas, consequências e principalmente, estendendo a escuta para os indivíduos que convivem com essa doença, é possivelmente uma boa alternativa para lidar com o tema. A baixa produção audiovisual sobre o alcoolismo foi um ponto relevante durante essa pesquisa, visto que, foram

encontrados poucos personagens ou histórias que relatam sobre o álcool no audiovisual brasileiro.

Por fim, entendendo que uma das características do filme-carta é um filme possível de se realizar com poucos recursos, esse curta se apropria desse aspecto. Entretanto, pretende-se ainda realizar um documentário mais completo, conseguindo captar mais relatos, viajando até Estrela do Sul em Minas Gerais, tentar descobrir as raízes de seu Domiro, sua família e o início de sua vida. E isso seria possível com o financiamento de um edital que possibilitasse custear equipamentos, viagens, equipes e todo o aparato necessário para sua realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELDMAN, Ilana. “Um filme de”: dinâmicas de inclusão do olhar do outro na cena documental. *Devires*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pg. 50-65, jan/jun 2012.

MIGLIORIN, C. *O ensino de cinema e a experiência do filme-carta*. E- compós, v. 17, n. 1, 2014.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2008.

NASCIMENTO, E. C. DO; JUSTO, J. S. *Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, p. 529–538, 2000.

SANTOS, A.C.C. *Documentário em primeira pessoa: relatos íntimos no audiovisual*. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - PUC São Paulo, São Paulo, 2012.

VARELLA, Drauzio. *Alcoolismo | Artigo*. Portal Uol, 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/alcoolismo-artigo/> Acesso em: 13/04/2023

VEIGA, R. *Autobiografia “não-autorizada”: por uma experiência limiar no documentário na primeira pessoa*. *DOC online - Revista Digital de Cinema Documentário*, v. 19, p. 42–59, 31 mar. 2016.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ÉBRIO, O. Direção: Gilda de Abreu. 1946. 120 min.

ELENA. Direção: Petra Costa. Produção: Busca Vida Filmes. 2012. 82 min.

ESTRELA, Nasce Uma. Direção: Bradley Cooper. Produção: Warner Bros Pictures. 2018. 135 min.

MÃE, Querida. Direção: Áquila Jamile. 2020. 16 min.

INCONFISSÕES. Direção: Ana Galizia. Produção: Sobrenada. 2018. 22 min.

BABÁS. Direção: Consuelo Lins. Produção: Consuelo Lins. 2010. 21 min.

DIÁRIO, De Uma Busca. Direção: Flávia Castro. Produção: Tambellini Filmes. 2010. 105 min.

VIAGEM, Uma Longa. Direção: Lúcia Murat. Produção: Vitrine Filmes. 2012. 97 min.